JFT8.5.10.3.5

POVOA, João Câncio. La Sonnambula e a consagração de Niza de Castro Tank. O Estado de São Paulo, São Paulo, 15 out. 1967.

"La Sonnambula" e a consagração de Niza de Castro Tank

JOÃO CÂNCIO PÓVOA

Como segunda e já penultima récita da assim chamada temporada lírica do corrente ano, promoção da Secretaria de Educação e Cultura "sem ônus para a Prefeitura", subiu á cena anteontem "La Sonnambula", de Vincenzo Bellini, que não se ouve em São Paulo desde 1919, quando foi cantada no Teatro São José, tendo nos principais papéis Olga Simzis, Baldrich e Mário Pinheiro. No Rio de Janeiro foi levada em 1957, com Virgínia Zeani, Juan Oncina e Italo Tajo.

Se houvesse havido auxílio financeiro da Municipalidade, a Emprêsa E. Billoro teria, por certo, encomendado a algum dos nossos excelentes cenógrafos do teatro de comédia a confecção de cenários; se houvesse havido auxílio financeiro da Municipalidade, a Emprêsa teria, por certo, contratado com os nossos figurinistas e costureiros a confecção da indumentária adequada e de gôsto, inclusive para o Corpo de Baile; se houvesse havido auxílio financeiro, repetimos, a emprêsa certamente não hesitaria em contratar um baixo á altura da protagonista, de forma a manter a homogeneidade do conjunto. Mas, São Paulo é talvez a unica cidade no mundo em que se tem a veleidade de pretender fazer ópera sem apoio financeiro oficial ou particular, de forma que a Emprêsa teve que se valer, ainda uma vez, das boas relações que mantém com a Diretoria do Municipal carioca, a fim de obter cenários e guarda-roupa e materiais cênicos sob empréstimo...

Conforme nos informou o sr. Billoro, para a temporada lírica do Rio de Janeiro do ano em curso, por êle realizada, dela participando exclusivamente cantores nacionais em 8 óperas diferentes (16 récitas), contou com uma subvenção oficial de NCr$ 180.000,00 (cento e oitenta mil cruzeiros novos); para a curta temporada de ópera francesa houve verba suplementar. Felizmente, pois, no Rio há interêsse pela educação e pela cultura. O senhor prefeito municipal, que tanto vem fazendo pela nossa cidade no plano urbanístico, bem poderia dedicar uma pequena parcela do seu inegável dinamismo em favor da educação, da cultura e da arte, não permitindo que a sua Secretaria promova, no futuro, espetáculos improvisados e não compatíveis com o nível cultural da nossa grande Capital. Aliás, no sentido de promover forte campanha para levantar o nível dos nossos espetáculos líricos, fomos procurados, não há muito tempo, por um dos diretores da Pró-Ópera, que solicitou o nosso apoio: não seria mais possível tolerar as montagens inadequadas e de mau gôsto, a improvisação, o desaparelhamento total do nosso teatro. O referido diretor da Pró-Ópera defendia a tese, até, da autonomia do teatro, contando-nos maravilhas quanto á organização do Colón, de Buenos Aires, as vultosas verbas lá dispendidas, a excelência dos espetáculos que lá acabara de assistir. É de estranhar, pois, que, agora, elementos intimamente ligados á diretoria da Pró-Ópera — discordando da opinião de tôda a crítica especializada — hajam achado magnífica a montagem da "Aída", hajam elogiado a maneira pela qual a Prefeitura, através da sua Secretaria de Educação e Cultura, persevera em fazer ópera, em detrimento dos nossos cantores, do publico, da educação, da cultura e, numa palavra, da arte.

Constituiu a 2.a récita de assinatura, com pouco menos de meia casa, um autêntico triunfo do soprano-coloratura "sfogato" Niza de Castro Tank. Sua voz límpida, de fenomenais maleabilidades e extensão, conduzida com técnica impecável, fêz reviver a época beliniana do "bel-canto". Desde Lily Pons não se ouve um soprano-ligeiro com tal bravura vocal, em nada inferior á belga Mado Robin ou á tedesca Rita Streich. Foram primores de interpretação "Come per me sereno", "Ah non credea mirarte" e a cabaleta final "Ah! non giunge", que o soprano arrematou com um sol natural superagudo perfeito em impostação e musicalidade. Não se compreende que uma cantora com tais invulgaríssimos predicados vocais ainda não haja sido convidada para cantar no Rio de Janeiro, no Colon de Buenos Aires, e nos grandes teatros da Europa e dos Estados Unidos.

O tenor Bruno Lazzarini, sempre seguro em cena, desincumbiu-se satisfatoriamente do Elvino, evitando prudentemente, porém, os agudos.

Quer pelo desembaraço cênico, quer pelo canto, contribuiu eficazmente a estreante, soprano lírico-ligeiro Marta Basche, na Lisa; discreta, porém sem comprometer, esteve Berenice Pace, a moleira Teresa. O veterano José Perrota foi o Aléssio e Eurico Vannuci o Notário.

As notórias deficiências vocais e cênicas do baixo Juan Carbonnel, mais evidentes no Conde Rodolfo do que no Ranfis, constituiram o grande desequilíbrio da noite. Esperamos que não seja a êsse cantor que se pretenda confiar a interpretação do Cacique Aimoré (3.o ato de "Il Guarany").

Cenários muitos feios, de especial mau gôsto o do 2.o ato: via-se o céu estrelado nos dois aposentos sem teto do Conde. Por sorte não choveu nos móveis e na cama do ilustre fidalgo...

Conseguiu o coreógrafo Johnny Franklin disciplinar um pouco e melhorar o Corpo de Baile: discordamos, todavia, de haver marcado um "ballet" na ponta do pé para o que deveria ser uma dança rústica de aldeãos e aldeãs, conforme reza o libreto e seria lógico.

O côro como sempre, claudicante na afinação. Regeu a orquestra o maestro Armando Belardi.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE029904